

O RACISMO NO ROMANCE *LE SANG DE L'ANGLAIS* (1993), DE CARL DE SOUZA

Daniele Benício (PG-UEM) e Thomas Bonnici (UEM)

RESUMO: Quando se fala em literaturas pós-coloniais, logo nos remetemos à imagem de povos oprimidos que se libertam do estado de alienação escrevendo literatura de revide. O presente artigo busca registrar a literatura africana e o racismo no romance *Le Sang de l'Anglais*, e com isso trazer à luz a história dos povos colonizados de expressão francófona. Os dados apresentados mostram que, apesar da opressão colonial, há indícios de subjetividade e resistência no personagem oprimido. Acredito que o estudo de tais obras possa contribuir para a construção de uma figura significativa da África, ao mesmo tempo histórica e cultural, para pessoas interessadas em textos literários africanos de expressão francesa.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura; pós-colonialismo; francofonia; racismo.

ABSTRACT: When speaking of post colonial literature, we soon come to think of the images of oppressed people who try to free themselves of their state of alienation by writing as payback. The present subject tries to register the African literature and the racism in the romance *Le Sang de l'Anglais*, and with that bring a light to the history of the colonized French speaking people. Statistics show that, even with the colonial oppression, there are signs of subjective and resistance of the oppressed people. I believe that the study of such arts could contribute to the construction of a significant African figure, and at the same time cultural history for the people interested in African literature in French language.

KEYWORDS: Literature; post-colonialism; French-speaking people; racism.

1. INTRODUÇÃO

Muitos estudiosos já produziram excelentes trabalhos em português de literaturas pós-coloniais, afinal este tema apresenta um campo de estudo rico e vasto que nos parece inesgotável por ser recente e por despertar interesses, pela sua tendência pós-moderna de privilegiar e exaltar uma literatura que antes era marginalizada e que na atualidade arrebatou os maiores prêmios literários, tirando o foco do centro e iluminando a vida rica da periferia. Por que propor então uma nova abordagem embasada em literatura pós-colonial de expressão francófona? Simplesmente porque é uma literatura remarcável que tem colocado autores francófonos, tanto africanos quanto caribenhos no ranking dos mais prestigiados, porque são considerados fenômenos culturais e também para atender as novas necessidades de pessoas que se interessam pelo assunto.

Segundo Bhabha (2003) As perspectivas pós-coloniais emergem do testemunho colonial de países do Terceiro Mundo e dos discursos das "minorias" [...] Elas intervêm naqueles discursos ideológicos da modernidade de dar uma "normalidade" hegemônica ao desenvolvimento irregular e as histórias diferenciadas de nações, raças, comunidades, povos.

Desse modo faz-se necessário desestabilizar esses discursos sob a ótica da metodologia pós-colonial. Este artigo apresenta, uma ferramenta crítica distinta que busca no cerne da literatura africana, pós-colonial, as marcas da anormalidade causadas pela hierarquização e pelo racismo. Para isso recorreremos ao anglofona, cientista e escritor mauriciano Carl de Souza, que em seu romance *Le Sang de l'Anglais* (1993) explora o recente passado colonial de Maurício, país do oceano Índico, nomeado em honra ao príncipe Maurício de Nassau. Além do passado colonial de Maurício o romance narra a vida de Hawkins, personagem que não se encontra bem situado com as diversas comunidades étnicas do país e que assombra, com sua falsa superioridade inglesa St. Bart, o narrador. Longe de ser apenas mais uma análise de romance, este trabalho prima pela visibilidade de um povo híbrido, que passou por guerra e que se viu em meio de inúmeras nacionalidades e culturas que os submeteram e os inferiorizaram. Memmi, Hall, Appiah, Bhabha, Bonnici e Joubert explicarão sobre como se dão às relações entre o pós-colonialismo, a francofonia e o racismo.

2. A FRANCOFONIA E SUAS RELAÇÕES COM A LITERATURA PÓS-COLONIAL E COM O PÓS-MODERNISMO

Mas afinal o que significa expressões como: Francofonia, francofonia e espaços francofonos? Qual é sua relação com a literatura pós-colonial? O que ambos possuem de pós-moderno em sua concepção?

Estas três expressões, ou sintagmas são às vezes sinônimos, mais ou menos muitas vezes complementares em seu uso. A francofonia com f minúsculo, designa geralmente no conjunto povos ou grupos de locutores que utilizam parcialmente ou inteiramente a língua francesa em sua vida cotidiana ou em suas comunicações. A Francofonia com F maiúsculo, designa de preferência conjunto de governadores de países ou de instâncias oficiais que tem em comum o uso do francês em seu trabalho ou em seus intercâmbios. Já espaços francofonos representam uma realidade não exclusivamente geográfica nem mesmo lingüística, mas sim culturais: ele reúne todos os que, de perto ou longe, experimentam ou exprimem um certo pertencimento à língua francesa ou as culturas francofonas - que sejam eslavos, latinos ou crioulos, por exemplo. Esta dominação do espaço francofono é o mais incerto, mas também pode ser o mais fecundo.

De acordo com Bonnici (1998) outro conceito a ser considerado é o de literatura pós-colonial, que pode ser entendida como toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências européias entre os séculos XV e XX. Tanto a francofonia quanto a literatura pós-colonial são termos recentes e de origem similares, ambas surgiram do processo da colonização, primeiro temos o papel da colonização que nos séculos XVII e XVIII introduziu o francês nas antigas colônias francesas na América (Antilhas, São domingo, antigo nome da ilha do Haiti, Guiana Francesa) e nas ilhas do Oceano Índico (Ilha Maurício, Reunião, Seychelles), então a literatura pós-colonial mantém relação com a francofonia no momento em que povos que sofreram experiências coloniais utilizam a língua francesa para produzir literatura. Apesar de todas as suas diferenças, essas literaturas originaram-se da experiência de colonização, afirmando a tensão com o poder imperial e enfatizando suas diferenças dos pressupostos do centro imperial (Ashcroft et al. 1991).

Já para entender o que a literatura pós-colonial possui de pós-moderna em sua concepção recorreremos à afirmação do filósofo Kwame Appiah, de que: o pós do pós-colonialismo, igual ao do pós-modernismo, desafia as narrativas legitimadoras anteriores. No entanto o filósofo afirma que há diferenças fundamentais entre um e outro. Kwame pensa o momento pós-colonial por uma vertente mais humanista que pós-moderna:

Literatura pós-realista, política pós-nativista, solidariedade transnacional, em vez de nacional.[...] O pós-colonialismo é posterior a tudo isso: e seu pós como o do pós-modernismo, é também um pós que contesta as narrativas legitimadoras anteriores. E as contesta em nome do universal ético, em nome do humanismo, "la gloire pour l'homme". E, baseado nisso, ele não é um aliado do pós-modernismo ocidental, mas um adversário: com o que acredito que o pós-modernismo possa ter algo a aprender.

Pois o que estou chamando de humanismo pode ser provisório, historicamente contingente, anti-essencialista (em outras palavras, pós-moderna) e, ainda assim, ser exigente. [...] Talvez, portanto, possamos recuperar, dentro do pós-modernismo, o humanismo dos escritores pós-coloniais - a preocupação com o sofrimento humano, com as vítimas do Estado pós-colonial [...]-, ao mesmo tempo rejeitando as narrativas mestras do modernismo. (Appiah 1997: 216)

Parece-me que há uma interação entre pós-modernismo e pós-colonialismo, no momento em que ambas contestam o que esta posto como único e aceitável. No pós-modernismo o que era central deve ir para a periferia e as coisas periféricas do passado devem estar no centro, é a vez das vítimas da opressão, dos terceiro-mundistas e dos negros. Temos uma inversão de papéis onde as minorias têm a prioridade, é o período das contestações, do abandono e da rejeição dos padrões. No entanto percebo que no pós-colonialismo temos uma preocupação histórica e social que busca um resgate, uma recuperação e um olhar crítico acerca do que ocorreu, que não encontramos no pós-modernismo, Bonnici (1999) define o pós-modernismo como estilo versus substância: "No pós-modernismo, o estilo, a pose e a superfície são elementos prioritários". Há, então uma interação, mas não há uma dialética já que o pós-modernismo não trabalha com um centro de referência, não há unicidade. Os discursos críticos pós-coloniais exigem formas de pensamento dialético que não recusem ou neguem a outridade (alteridade) que constitui o domínio simbólico das identificações psíquicas e sociais (Bhabha 2003: 242). O que é certo aqui pode ser errado em outro contexto, o espírito pós-moderno resiste às explicações unificadas, abrangentes e universalmente válidas. Ele as substitui por um respeito pela diferença e pela celebração do local e do particular à custa do universal.

A literatura assume, neste contexto, um papel fundamental. Primeiro porque é uma forma de povos e culturas registrarem sua história, segundo porque literatura pós-colonial é uma literatura especial e específica, não porque retrata a vida excêntrica do último ator de Hollywood, mas porque retrata a história de inúmeros povos e nações que foram usurpados no que lhes era mais singular: a vida, o direito à pátria, a família, a própria língua. O colonizador sabe que ele é um usurpador, pois sua posse de terra conquistada pela força não é legítima. Para justificar os seus atos, "ele se esforça em falsificar a história, manda escrever textos, ele apagaria as memórias, qualquer coisa, para chegar a transformar sua usurpação em legitimidade" (Memmi 1985, apud Figueiredo 1998: 65).

E a escolha de uma língua, que papel determina na produção e na divulgação de uma obra literária? Já que estamos tratando de literatura de expressão francesa acredito importante a avaliação destas questões. Joubert afirma que: Em todos os países da África negra, o francês é a língua da vida política, da administração, da justiça, da escola, da procura científica, da modernidade, logo da promoção social. As línguas vernaculares ficam restritas ao convívio familiar, no mercado, nas vilas (Joubert 1997: 27).

Além dos aspectos coloniais, encontramos na língua o papel do prestígio cultural das idéias de progresso que a acompanham.

O rápido panorama da francofonia atual mostra que a difusão do francês pelo mundo foi resultado de causas diversas: transmissão natural da língua, de geração

em geração, nos países mais antigos o advento da francofonia; uso da língua e de escola como meio de colonização; prestígio conciliado a uma grande língua de comunicação e de cultura [...] É, então lógico que o estatuto e situação do francês muda de país em país. (Joubert 1997: 22)

Porque escrever em francês? Esta questão não tem grande sentido para um escritor de língua materna francesa, pois se trata simplesmente da língua que o permite ver, sentir e descobrir o mundo. Mas e para um africano? Segundo Joubert a resposta é menos evidente, "porem este vem de um país onde as línguas nacionais são pouco ou absolutamente nada escritas; o francês aprendido na escola lhe parece então como a língua de expressão natural, se ele sente o desejo de tornar-se escritor" (1997: 39), Joubert conclui que algumas das literaturas francofona possuem sua originalidade. Os escritores não partilham da mesma razão de escrever. Suas maneiras de escrever (o estilo) se inspiram muitas vezes de sua cultura nacional. Eles emprestam a sua língua materna as expressões e imagens que eles fazem passar em francês (Joubert 1997: 39-40).

3. O RACISMO

No passado, sociedades se apoderaram de teorias para se afirmarem superiores. Um precursor destas teorias racistas foi Gobineau (1816-82), que através de seu Ensaio sobre as desigualdades das raças, introduziu o conceito de que as raças seriam "desiguais", baseado na biologia. Seus escritos entraram em moda junto com o culto à ciência que moveria seguidores no mundo todo, inclusive a repercussão destas teorias contribuiu para o advento do nazismo e do fascismo.

A ciência atual, já provou a impossibilidade de se aplicar o conceito de raça, que surgiu em referencia ao reino animal, Bonnici (2005: 51) salienta que: "há um consenso entre antropólogos e geneticistas de que, a rigor, o termo *raça*, como sinônimo de subespécies, não pode ser aplicado aos seres humanos modernos, e que em muitos países pós-coloniais, como do Caribe e da América do Sul, a classificação morfológica dos humanos significa muito pouco em termos de genoma, embora a aparência física seja socialmente salientada". Estudiosos ressaltam que não há nenhum fundamento científico que nos autorize a falar em superioridade ou inferioridade raciais, pois o que existe, afirmam, é diversidade cultural ou geográfica climáticas, e não diferenças biológicas, que seriam inerentes a diferentes etnias. Isto é, também, reforçado por Stuart Hall que afirma:

contrariamente à crença generalizada-a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. Há diferentes tipos e variedades, mas eles tão largamente dispersos *no interior* do que chamamos de "raças" quanto *entre* uma "raça" e outra. A diferença genética-o último refugio das ideologias racistas-não pode ser usada para distinguir um povo do outro. A raça é uma categoria *discursiva* e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, freqüentemente pouco específico, de diferenças físicas e corporais, etc. -como nas *marcas simbólicas*, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (2006: 62)

Para definir e compreender o racismo se faz necessário que compreendamos mais do que fatos como a escravidão, a segregação, a discriminação e o preconceito. Na verdade o que mais interessa na definição de racismo é o poder, o preconceito racial e o etnocentrismo, pois estas também são atitudes que contribuem para a pratica do racismo e são considerados for-

tes indícios para que essa prática se estabeleça. Pois, em nome do exercício do poder as maiores atrocidades foram e continuam sendo cometidas, em toda a história da humanidade a ação de hierarquizar implicou em dividir, separar e distinguir seres e objetos, contribuindo para que práticas como o racismo se fortificassem. Um elemento que está na raiz do racismo é o etnocentrismo, sentimento em que uma pessoa considera os valores do grupo ao qual pertence não somente como sendo superiores aos dos demais grupos, mas também como únicos possíveis. Essa postura etnocêntrica não permite ao indivíduo aceitar diferenças culturais e o faz rejeitar e a considerar como mau e inferior tudo o que difere de suas próprias práticas culturais.

Alguns estudiosos, na ânsia de compreender este fenômeno cultural ensaiaram algumas discussões e definiram o racismo, um desses estudiosos é Zilá Bernd (1994: 11) que afirma que: "Em princípio, *racismo* é a teoria que sustenta a superioridade de certas raças em relação a outras, preconizando ou não a segregação racial ou até mesmo a extinção de determinadas minorias".

Van den Berghe (1967 apud Jones 1973: 4), ensaia uma definição de racismo quando o define como "... qualquer conjunto de crenças de que diferenças (reais ou imaginárias) orgânicas, geneticamente transmitidas entre grupos humanos, são intrinsecamente associadas à presença ou à ausência de algumas características ou capacidade socialmente significativas e, portanto, que tais diferenças constituem uma base legítima de distinções injustas entre grupos socialmente definidos como raças". Podemos agrupar inúmeros conceitos sobre o racismo, mas no final o que veremos é que em todas as definições o que impera é o verbo "distinguir" que vem acompanhado de outro verbo o "hierarquizar", o que se percebe, então, é que o racismo pode ser caracterizado tanto por questões biológicas, quanto por questões culturais e que adquire uma conotação fortemente negativa numa sociedade heterogênea. Memmi (1963: 210) num comentário pedagógico define: O racismo é a valorização, generalizada e definitiva, de diferenças reais e imaginárias, em benefício do acusador e em detrimento de sua vítima, a fim de justificar seus privilégios ou sua agressão. Nessas diferenças reais ou imaginárias podemos inserir o preconceito, ou seja, opinião formada antecipadamente sem qualquer vinculação com a verdade, que também está embutida no pacote de práticas racistas e que, leva pessoas a se fecharem em determinadas opiniões, que são julgamentos formados sem o conhecimento dos fatos. É na realidade um modo efetivo e rígido de julgamento equivocado de grupos humanos, como afirma Tahar Ben Jelloun:

O racismo é um comportamento bastante corrente, comum a todas as sociedades, infelizmente!, banal em certos países porque ele chega e não nos damos conta. Consiste em se desconfiar, e mesmo a desprezar, pessoas com características físicas e culturais diferentes das nossas. (1998: 7)

Nessas definições, percebemos que se confirma a afirmação de que o racismo, nada mais é que a transformação de preconceito racial e/ou etnocentrismo, através do exercício do poder contra um grupo racial definido como inferior, por indivíduos e instituições, com apoio, intencional ou não, de toda a cultura. Será que racismo e preconceito de raça são expressões equivalentes ou será que existe descontinuidade na história? Ou será que, de modo geral, o racismo superou o preconceito como uma expressão mais ampla que abrange, além de preconceito, "... hostilidade, discriminação, segregação e outras ações negativas que se exprimem com relação a um grupo étnico..." (Marx 1971: 101)?

Jones (1973) considera a existência de três tipos de racismo, ele os classifica por racismo individual - institucional e cultural. O autor considera que o racismo individual é o que está mais próximo do preconceito racial e sugere uma crença na superioridade de nossa raça com relação à outra, bem como as sanções comportamentais que mantêm tais posições superiores e inferiores: "O racismo individual e o preconceito racial não são fundamentalmente diversos

[...] o racismo branco vai além do individual para chegar ao institucional, mais geral, mais insidioso e mais debilitante" (Jones 1973: 4).

A violência racista do branco exerce-se, antes de qualquer coisa, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. O negro como colonizado, é criação da Europa. Antes de ter contato com o branco, o colonizado/ o negro não se sente inferior a nenhuma outra raça. Toda crise identitária surge da negação dos valores humanos e culturais imposta pela colonização (Figueiredo 1998: 64). Quando se refere ao racismo institucional, Jones chama a atenção para os milhares de negros que morrem anualmente por falta de alimentação adequada, abrigo e recursos médicos, se refere ainda aos negros que são constantemente destruídos e mutilados emocionalmente por causa das condições de pobreza e discriminação na sociedade que os fecham em guetos e os consideram uma mancha na sociedade:

O racismo individual também atua em outro nível, mais sutil. As universidades, as escolas de pós-graduação e as escolas profissionais por muitos anos utilizaram os resultados dos testes padronizados como critérios de admissão. As crianças e os estudantes negros geralmente tem instrução pior, seja na aplicação, seja no conteúdo dos testes. (Jones 1973: 5)

É importante ressaltar que os critérios de avaliação aplicados são critérios de "apenas ricos". No entanto o branco pobre tem opções que os negros nunca tem, pois o racismo limita suas oportunidades. Isso nos faz pensar em até que ponto vivemos num mundo livre, e até que ponto os direitos são iguais para todos. Continuando sua definição de racismo Jones afirma:

Portanto o racismo institucional tem dois sentidos: em primeiro lugar, é a extensão institucional de crenças racistas individuais; isto consiste, fundamentalmente do emprego e manutenção de instituições devidamente construídas, a fim de manter uma vantagem racista com relação a outros. Em segundo lugar, é o subproduto de algumas praticas institucionais que atuam de forma a limitar, a partir de bases raciais as escolhas, os direitos, a mobilidade e o acesso de grupos de indivíduos a outras posições. (Jones 1973: 5)

Uma outra forma de racismo, que Jones classifica como a terceira pratica racista, chama-se racismo cultural. Segundo analistas de relações raciais, o racismo cultural é o mais visível e estamos diante dele quando as realizações de uma raça são inteiramente ignoradas na educação e sua expressão de diferença cultural não é premiada ou é interpretada de maneira negativa.

O terceiro tipo –o racismo cultural –contém elementos do racismo individual e do racismo institucional. Geralmente, o racismo cultural pode ser definido como a expressão individual e institucional da superioridade da herança cultural de uma raça com relação à de outra. (Jones 1973:5)

Concluimos, então, esta tentativa de definir o racismo com o desejo de superá-lo e fazer como Gilroy (2001), que encontrou uma solução teórica para entender a cultura negra, diante do fracasso de paradigmas como os de raça ou etnia e nação, sua luta é para tornar os negros percebidos como agentes como pessoas com capacidades cognitivas e mesmo com uma historia intelectual, atributos segundo ele negado pelo racismo moderno.

4. O RACISMO NO ROMANCE *LE SANG DE L'ANGLAIS*

O sucesso da literatura africana convida o leitor a participar da maneira africana de sentir, de ver o mundo, de pensar. O leitor francófono que se familiariza com as expressões vindas da África faz uma viagem mental extraordinária ao interior mesmo da língua.

Carl de Souza autor do romance *Le Sang de l'Anglais*, nasceu em Rose-Hill (Ilha Maurício), no ano de 1949, o escritor debutou na literatura ficcional em 1980 com a novela "La Comète Halley", recebeu o Prêmio Pierre Renaud em Maurício em 1986. Suas obras possuem uma forte conotação colonial, aliás, o escritor se diz apaixonado pela literatura ficcional, sobretudo as inglesas, inclusive os autores coloniais lhe interessam em particular. Com o romance *Le Sang de l'Anglais* Souza recebeu o Prêmio da ACCT, atualmente o escritor vive em Albion, cidade costeira onde se ocupa do departamento de Arte e Cultura de uma grande companhia.

Para comprovar o racismo sofrido por povos colonizados, realizaremos uma breve análise do romance *Le Sang de l'Anglais* (1993). A obra de Souza, não se atém única e exclusivamente ao racismo, pois o autor trabalha, de maneira expressiva com o passado colonial de Maurício, ao contrário do que se pode pensar, sua luta é contra o colonialismo. A estratégia de Souza é desestabilizar o discurso de raça pura e de ideal de cultura, inexistentes numa realidade de nações que são híbridas por natureza, a questão do sangue inglês nucleia a narrativa, fazendo parte do título que, sendo o primeiro elemento de contato do leitor com a obra, configura-se como sua principal chave de decifração. Afinal, qual é o sentido de *sangue inglês* de que fala Carl de Souza? O autor tira partido da polissemia do termo, empregando-o em duas acepções, divide o personagem em dois pólos opostos. Temos, de um lado, Hawkins, o personagem que se impõe como sujeito, superior, sempre com o valor pejorativo de "classe dominante" se impondo por meio de seu sangue inglês e de sua cultura. De outro lado temos o mesmo indivíduo frente à impossibilidade de um sangue puro, de uma cultura pura e assombrado com sua genética híbrida, com a herança que sempre renegou. O título do romance, *Le Sang de l'Anglais* denota uma arbitrariedade que é revelada no final da obra e que desestabiliza toda concepção de hegemonia proveniente da inglesidade.

O poder *representacional* do romance sua capacidade de dar voz a um povo para afirmar sua identidade são de grande importância aos escritores e críticos pós-coloniais. Esses críticos têm demonstrado como o romance contribui para a narrativa sobre o povo colonizado, a descolonização, a resistência, e o relacionamento entre o império e a colônia através de análises sobre a autoria, o gênero literário e a linguagem. (Bonnici 2005: 54)

O romance utiliza a história de uma amizade para narrar o passado colonial de Ilha Maurício, além disso, mostra a atitude inquietante do narrador e personagem St. Bart diante das atitudes de Hawkins de outremizar o negro e de desprezar a cultura dos mauricianos em detrimento de sua cultura e de seu sangue inglês. O ponto alto do romance se dá quando é revelado que tamanha superioridade de Hawkins se deve na verdade ao fato do personagem negar seu sangue materno, mauriciano, e super valorizar o sangue e a cultura inglesa herdada de seu pai. É importante notar como o sujeito colonizador constrói o outro, o sujeito colonizado, Bhabha (2003: 111) afirma que: "O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução". Na vida e na obra os discursos se repetem e colonizadores continuam exercendo uma hegemonia cultural sobre a cultura dos povos colonizados e, de acordo com Hall (2006: 61) todo o processo de comparação entre as "virtudes" da "inglesidade" (*Englishness*) e os traços negativos de outras culturas que muitas das características distintivas das identidades inglesas foram primeiro definidas. Logo, o fato de

ter qualquer ligação ou de se herdar o sangue inglês, como é o caso de Hawkins, significa para muitos um trunfo e uma certa superioridade em detrimento de outras culturas ou povos.

Como foi dito, anteriormente, vida e obra se misturam e muitas vezes encontraremos a vida apregoada na obra. Este é o caso do romance analisado, pois além da arte literária a obra possui uma função histórica e social, pois aborda uma época importante e a história de uma nação. De acordo com Candido:

Devemos levar em conta, pois, um nível de realidade e um nível de elaboração da realidade; e também a diferença de perspectiva dos contemporâneos da obra, inclusive o próprio autor, e da posteridade que ela suscita, determinando variações históricas de função numa estrutura que permanece esteticamente invariável. (1985: 169)

A narrativa apresenta a história de Hawkins, personagem que nunca se situou muito bem com as diversas comunidades étnicas nas quais esta inserido em Mauricio, essas diversidades étnicas correspondem, tanto na obra quanto na vida real, aos fatos históricos do país, pois Mauricio foi primeiro descoberto pelos portugueses em 1505, colonizado pelos holandeses em 1638, posteriormente controlado pelos franceses durante o século XVIII e tomado pelos britânicos em 1814, por se tratar de um país colonizado mantém determinadas características como se observa no excerto abaixo:

L'Île décrite comme un miracle de coexistence pacifique dès fils d'anciens colons français, propriétaires d'une terre convertie au sucre, d'une majorité indienne introduite dans une large mesure par EUX, pour remplacer dans les champs les « Créoles » d'origine africaine ou malgache, lors de l'abolition de l'esclavage ! De minorités musulmanes ou chinoises, dans le commerce, de mulâtres, métis issus d'unions entre les Français et les autres ; de Tamouls, Marathis, une foule de petites communautés hindoues qui clamaient maintenant leur identité! (Souza 1993: 109)

[A Ilha descrita como um milagre de coexistência pacífica dos filhos de antigos colonos franceses, proprietários de uma terra convertida ao açúcar, com uma maioria indiana introduzida em larga medida por ELES, para substituir nos campos os "Crioulos" de origem africana ou malgache, por ocasião da abolição da escravidão! De minorias muçulmanas ou chinesas, no comércio, dos mulatos, mestiços provenientes de uniões entre Franceses e os outros; Tamouls Marathis, uma multidão de pequenas comunidades hindus que proclamavam ainda a identidade deles!]

No capítulo VII verificamos a manifestação do racismo, portanto nos ateremos exclusivamente a ele para analisar a prática racista. Como em todo o restante do livro este capítulo se inicia com as impressões do narrador e personagem St. Bart:

Seuls!!! Abandonnés, et cette fois pour de bon. Être restreintes à Maurice! La grande Question! Entre quatre murs d'océan, aussi beaux soient-ils! Surtout em compagnie de gens si différents. Ce cloisonnement qui, auparavant, gardait chacun chez soi, avait fonctionné, a mon avis, très bien. Et je trouvais assez normal que nous fussions aux commandes, lês Hindous aux champs, lês Mulâtres derrière leurs bureaux, les autres dans le commerce, ainsi de suite. Je haïssais ceux qui, prêchant l'éducation pour tous, avaient créé dès besoins de promotion sociale parfaitement artificiels et injustifiés. Je n'avis pas du tout l'impression, alors, d'être raciste; des événements futurs montreraient que le racisme est plus souvent l'ultime expression de nos égoïsmes et de notre peur. (Souza 1993: 124)

[Sozinhos!!! Abandonados, e desta vez definitivamente. Estar limitados a Ilha Maurício! A grande questão! Entre quatro muros do oceano, tão belos fossem eles! Sobretudo em companhia de pessoas tão diferentes. Este enclausuramento que, anteriormente, mantinha cada um em suas casas, tinha funcionado, na minha opinião, muito bem. E eu achava bastante normal que nós estivéssemos nos comandos, os Hindus nos campos, os Mulatos nos escritórios, os outros no comércio, assim por diante. Eu odiava os que pregando a educação para todos, tivessem criado necessidades de promoção social perfeitamente artificiais e injustificados. Eu não tinha absolutamente a impressão, então, de ser racista; dos acontecimentos futuros mostrariam que o racismo é o mais freqüentemente a última expressão de nossos egoísmos e de nosso medo].

Neste excerto St. Bart apresenta suas impressões, mais ainda prevê de certa forma os acontecimentos futuros. Tanto quanto Hawkins, St. Bart é uma peça demasiado importante no romance, pois é por meio dele, ou seja, é pela sua ótica que os acontecimentos se dispõem e que a história é revelada ao leitor, mobilizando-o intelectual e emocionalmente, manipulando-o de forma que o convença e o faça aderir aos valores que veicula ao narrar a história, seu objetivo é mostrar Hawkins como um sujeito fragmentado e perturbado, enquanto St. Bart, ao contrário, deixa esclarecida sua posição que é de reprovação com relação às atitudes de Hawkins e com os acontecimentos sociais vividos na época, ou seja, a problemática colonialista do texto. Todavia, quando as sucessivas invasões ocorrem e o poder colonial chega para ficar, as opiniões dos nativos tendem a se dividir. Alguns consideram a colonização uma excelente oportunidade: embora as humilhações sejam profundas, a tecnologia e a educação trazidas pelo poder colonial e introduzidas na mentalidade do povo são um benefício suficiente para compensar os sofrimentos anteriores. Outros são radicalmente contra tais idéias: o desenvolvimento do país, a idéia de democracia e a educação tornam-se viciados por uma ideologia colonial persistente (Bonnici 2000: 192).

A fala de St. Bart e Hawkins são cruciais para a compreensão do romance. Para isso, St. Bart apresenta um quadro de ações, sentimentos e ocorrências ficcionalmente adequados à situação e a estrutura da obra, permitindo que reconheçamos em Hawkins a figura do opressor e o sujeito que carrega uma postura hegemônica, mesmo sem o ser, pois como já foi dito seu "sangue inglês" carrega os mesmos traços, as mesmas heranças que o sangue de seus conterrâneos mauricianos ou crioulos:

Nous étions au laboratoire un matin quand Ramjaw nous apporta le thé. On était encore en période d'entrecoupe et le travail "roulait" au ralenti. Cela donnait lieu à beaucoup de bavardages, et aux attaques désordonnées de Hawkins. "Qui maniere, mo noir? [...] Hawkins avait l'habitude d'interpeller ainsi familièrement notre pion, Ramjaw, avec qui il s'entendait fort bien, ce qui me gênait énormément. (Souza 1993: 124-125)

[Nós estávamos no laboratório numa manhã quando Ramjaw nos trouxe o chá. Estávamos na hora do intervalo e o trabalho "rolava" lento. Isto daria espaço pra muita conversa, e aos ataques desordenados de Hawkins. "Que maneira meu negro? [...] Hawkins tinha o hábito de chamar assim familiarmente nosso peão Ramjaw, com quem ele se entendia muito bem, o que me incomodava enormemente].

Esse excerto nos mostra uma situação típica de depreciação, o fator ideológico referente ao outro começa a aparecer, revelando a posição do personagem "inglês" diante do "outro" representado por Ramjaw, serviçal Hindu, aparentemente emudecido e conivente com as ati-

tudes de Hawkins o sujeito, que aparece como homem superior e civilizado que circula os valores negativos como a corrupção, a mentalidade colonizada, a alienação cultural e, portanto, ideologicamente, pode interpelar Ramjaw (outro) como inferior, classificando-o por meio do estereótipo "Que maneira meu negro" lhe conferindo uma função de subalterno e de inferioridade muito comum nas sociedades coloniais onde o outro, o negro, é o aspecto da subjetividade, é o pólo oposto. Essa fala de Hawkins é carregada de preconceito, e nos remete aos europeus que, em seus passeios colonizadores pelas Américas, nomeavam os indivíduos e os classificavam comparando-os a animais, a canibais a seres desprovidos de cultura e religião. Todo colonizador classifica os indivíduos e, quando o faz os hierarquiza, o olhar do inglês, por primazia, é um olhar acusador, é um olhar da metrópole que considera o outro somente em termos de força de trabalho, o colonizador fabricou o sujeito colonizado através dos estereótipos, colocando o negro como inferior, preguiçoso, ladrão, estuprador, neste ponto o papel da hierarquização é estabelecido, nas sociedades pós-coloniais o colonizador (Outro) é o sujeito, enquanto o colonizado (outro) é o objeto, estabelecendo uma relação de subalterno e de inferioridade.

O texto apresenta a situação de discriminação racial, mas ao mesmo tempo confere ao ato uma roupagem leve como se a discriminação racial estivesse tão incorporada nas sociedades que é até definida como um "hábito", que este tipo de tratamento é "familiar" e ainda que essa convivência de Ramjaw, (com quem ele se entendia muito bem), era saudável, isso nos faz pensar que obviamente esse "relacionamento cordial" carrega um motivo muito forte como, por exemplo, a sobrevivência, a luta por um emprego, pois é esse o motivo que leva muitos indivíduos a tolerar humilhações diárias e superar situações como a discriminação racial.

Ainda neste excerto encontramos, também, outro aspecto da hierarquização que se dá pela profissão "peão" e que é reforçada pela cor da pele, que do estereótipo é o fetiche mais visível, como se uma condição estivesse intimamente ligada à outra, ou seja, sou negro porque sirvo ou sirvo porque sou negro, de acordo com Bhabha (1991: 198) a pele é um significante da discriminação, "a cor como sinal cultural/político da inferioridade e da degeneração, a pele como sua identidade natural". No mundo colonial, o africano, e o ameríndio estavam no último degrau da escala racista e classista, ou seja, o trabalhador colonizado no contexto da produção capitalista europeia tinha de ser índio, negro ou afro-descendente (Bonnici 2005: 51).

Nesse primeiro momento Ramjaw permanece mudo, de seu silêncio pode-se denotar convivência, mas também pode revelar algo que cresce em sua subjetividade. Ramjaw é caracterizado por St. Bart como um indivíduo sereno e paciente diante dos acontecimentos e dos disparates de Hawkins, o narrador afirma, ainda, que Ramjaw aceitava as provocações de Hawkins com uma submissão hindu. Ora, vemos que até na voz do narrador há resquícios de outremização, por que submissão hindu? Ser hindu implica em ser submisso, em se sujeitar ao Outro? A "raça" nos incapacita porque propõe como base para a ação comum a ilusão de que as pessoas negras (e brancas e amarelas) são fundamentalmente aliadas por natureza e, portanto, sem esforço; ela nos deixa despreparados, por conseguinte, para lidar com os conflitos "intra-raciais" que nascem das situações muito diferentes dos negros (e brancos e amarelos) nas diversas partes da economia e do globo (Appiah 1997: 245).

Apesar de todo clima de segregação Ramjaw era o único que chamava Hawkins pelo seu nome de batismo, ora vemos que em uma sociedade hierarquizada a atitude de Ramjaw poderia ser considerada uma afronta, pois além de subalterno o serviçal era negro. Este evento, por si só denota a agência de Ramjaw que, aliás, revidava as atitudes de Hawkins: "Entre ele e Hawkins era nascida uma convivência, gerada por inúmeros bate-bocas" (Souza 1993: 125):

O colonizado fala quando se transforma num ser politicamente consciente que enfrenta o opressor [...] Nos estudos pós-coloniais, a agência é um elemento fun-

damental, por que revela a autonomia do sujeito em revidar e contrapor-se ao poder colonial (Bonnici 2000).

Ramjaw recupera a voz e revida, psicologicamente o serviçal já vinha se preparando para enfrentar as situações impostas por Hawkins e pelo sistema colonial, essa cena revela que a situação cordial apresentada anteriormente é desfeita, para dar lugar a agência em Ramjaw. Quando responde ao europeu, o subalterno não somente recupera a voz, mas também denuncia a usurpação cometida e as leis infringidas (Bonnici 2000):

Mais Ramjaw? Pourquoi cette persécution? Pourquoi vouloir se battre contre tous à la fois? Combat loyal, alors que billet em poche il ne courait aucun risque? En realite, il se moquait bien de notre sort, em disposant comme dans um jeu de société. Voir enfin poindre um peu d'anxiété sur la visage de ces Blancs qui s'étaient cru tout permis! Jouir de lês voir déguerpir. Éprouver cette joie perverse de sentir le pays, ou il n'avait jamais trouvé as place, au bord de la catastrophe... (Souza 1993: 127)

[Mais Ramjaw? Porque esta perseguição? Porque querer chocar-se contra todos ao mesmo tempo? Combate leal, enquanto que o dinheiro no bolso ele não correria nenhum risco? Na realidade, ele zombava muito da nossa sorte, testando como num jogo de sociedade. Ver enfim aparecer um pouco de ansiedade no rosto dos Brancos que acreditavam que tudo era permitido para eles! Gozar em vê-los abandonar o ambiente. Experimentar essa alegria perversa de sentir o país, onde ele não encontrou nunca seu lugar, a beira da catástrofe...].

O discurso é construído para salientar a intenção de Ramjaw, mas mostra a superioridade dos Brancos e a certeza de que eles tudo podem e de que tudo possuem, mas, sobretudo mostra o esforço de Ramjaw em reverter à situação e acabar com o poder dos brancos, aliás, devemos atentar ao fato de como algumas palavras estão dispostas no texto e que sentido carregam, esse é o caso da palavra "Brancos", (dos Brancos que acreditavam que tudo era permitido...), que denota poder e diferenciação de raça. A intenção de Ramjaw reflete a busca por uma sociedade liberta dos resquícios coloniais e da imposição sofrida durante anos, então, percebe-se que Ramjaw não aceitava o racismo, ele retrucava, num bate-boca, e esperava uma ocasião propícia para demonstrar sua subjetividade, a quem pertencia a terra e também um certo gozo e vingança por ver o medo estampado nos rostos daqueles que o oprimiu. A figura de Ramjaw resume uma tomada de consciência coletiva de que existem meios de lutar contra a opressão, a rebelião mostra pelo menos a união do oprimido e a sua capacidade de ser sujeito para reverter a "ordem" posta pelo empreendimento colonial. O texto pode mostrar as complexas situações coloniais, em cujo âmago sempre vai existir a revolta por causa da objetificação do nativo (Bonnici 2000).

O romance nos apresenta elementos consideráveis para análise dos termos em questão, pois toda ação requer uma reação, quando Ramjaw se posiciona de maneira ofensiva, ele nada mais faz que reproduzir a violência sofrida, anteriormente, pelo empreendimento colonial, nesta etapa ele se reconhece como sujeito. Não devemos ignorar que muitos povos foram, também, perseguidos e humilhados, acuados como animais em sua própria terra. Em *Le Sang de l'Anglais*, Souza em alguns momentos passa a adotar a ótica cultural do oprimido, constituindo uma tentativa de captar o discurso do excluído, e de dar vazão às vozes até aqui relegadas a periferia do sistema, marginalizadas pela hegemonia das elites culturais do país, desta forma percebemos que o autor desestabilizou os discursos hegemônicos, de dar uma normalidade às irregularidades e as atrocidades cometidas em nome do poder, quando inseriu na obra um personagem que sai da condição de subalterno para sujeito agente que subverte o discurso hegemônico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do romance *Le Sang de l'Anglais* demonstrou como se dão às relações entre opressores e oprimidos, mais ainda mostrou que muitas vezes quem oprime se esconde por trás de uma falsa superioridade, que no caso do personagem Hawkins baseado em seu, híbrido, sangue "inglês" se colocava de maneira intransigente em seus relacionamentos. Conferimos, também, como se constrói e se desconstrói o discurso colonialista. Muitos escritores e historiadores procuraram construir o outro/colonizado em seus textos como um indivíduo inferiorizado e submisso, perpetuando dessa forma sua imagem por meio dos estereótipos, como um discurso ideológico e como verdade absoluta.

Souza, ao contrário, construiu em seu romance, um outro colonizado, que não aceitava as provocações do colonizador, e construiu um colonizador fraco que se escondia atrás de seu sangue inglês, com isso o autor mostrou que não há a possibilidade de um sangue puro, de uma raça pura, pois como observamos corria nas veias de Hawkins um sangue, também, crioulo. Revelou-se, portanto, o processo da fabricação do racismo: Hawkins fabricou a imagem de Ramjaw, demonstrou seu poder na cena do laboratório, usando sua posição para inferiorizar e ridicularizar Ramjaw: "peão", "meu negro", este por sua vez, não se intimidava, retrucava o opressor, mais ainda, tornou-se sujeito agente no momento em que perseguiu, e viu o medo estampado nos rostos dos brancos, além de recuperar a agência Ramjaw reage com deboche zombando da sorte dos opressores, gozando ao vê-los partir. Souza foi muito feliz ao abordar a questão colonial em seu romance, pois dessa forma fez com que muitos leitores acostumados apenas com uma única visão, a etnocêntrica dispostas na maioria dos romances ocidentais, pudessem ver os dois lados da moeda. Ou seja, nos fez conhecer as fraquezas e a mazela de quem esteve sempre no poder, subvertendo o status de soberania do colonizador ao mesmo tempo em que o oprimido tornou-se sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASHCROFT, B., Griffiths, G., Tiffin, H. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. London: Routledge, 1991.
- APPIAH, Kwame. O pós-colonial e o pós-moderno. In: *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BHABHA, Homi K. "A questão do Outro: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo". In Hollanda, Heloisa Buarque de (org). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- BEN JELLOUN, Tahar. *Le Racisme expliqué a ma fille*. Paris: Du Seuil, 1998.
- BONNICI, Thomas. *O Pós-colonialismo e a literatura*: Maringá: Eduem, 2000.
- _____. A teoria do pós-modernismo e a sociedade. *Mimesis* (Bauru) 20.2: 25-37, 1999.
- _____. Introdução aos estudos das literaturas pós-coloniais. *Mimesis* (Bauru) 19.1: 7-23, 1998.
- _____. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.
- BONNICI, Thomas, e Lúcia Ozana Zolin. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2003.
- CANDIDO Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- SOUZA, Carl. *Lê Sang de L'Anglais*: Paris: ACCT/Hatier 1993

- FIGUEIREDO, Euridice. *Construções de Identidades Pós-coloniais na Literatura Antilhana*. Niterói: EDUFF, 1998.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro Modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: UCAM, 2001.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JONES, James M. *Racismo e preconceito*. Tradução Dante Moreira Leite. São Paulo, 1973.
- JOUBERT, Jean-Louis. *La Francofonia*. Paris: CLE International, 1997.
- MARX, G. T. Editor's introduction to Racism and Race relations. In M. Wertheimer (ed.). *Confrontation: Psychology and the Problems of Today*. Glenview: Scott Foresman, 1971.
- MEMMI, Albert. *L'Homme Domine: L'ê noir - le colonisé - l'ê proletaire - l'ê juif - la femme - l'ê domestique*. Paris: Gallimard, 1968.
- ZILÁ, Bernd. *Racismo e anti-racismo*. São Paulo: Moderna, 1994.